

PODAS EM CAFÉ ARÁBICA ADENSADO NA REGIÃO DAS MONTANHAS CAPIXABAS

C.A. Krohling –Engº Agrº Pesquisador e Extensionista - INCAPER– Mal Floriano –ES - cesar.kro@hotmail.com, Sobreira, F.M – Professor do IFC - Araquari– SC – fabricao.sobreira@ifc.edu.br e U. Saraiva - Extensionista - INCAPER– Marechal Floriano –ES

Espaçamentos mais adensados na cafeicultura de Montanhas é uma prática adotada pelos cafeicultores para aumento da produtividade; o que também contribui para a conservação do solo através da diminuição da erosão, maior infiltração da água, maior aproveitamento dos fertilizantes, entre outros benefícios. Tanto para essa cafeicultura de montanhas, como para a do tipo mecanizada ou semi-mecanizada, os tipos de podas são práticas adotadas visando facilitar o manejo da lavoura, resolver problemas de fechamento, manter ou recuperar a estrutura produtiva das plantas através do aumento de ramos produtivos, reduzir a altura das plantas e os custos de mão-de-obra na colheita.

O objetivo deste estudo foi avaliar, em lavoura de café arábica conduzida no sistema de fileiras duplas, o efeito de diferentes tipos de podas sobre a produtividade, infecção de ferrugem e vigor do cafeeiro em região fria e úmida de Marechal Floriano-ES.

O estudo está sendo conduzido no “Sítio Santa Maria”, em Santa Maria de Marechal, Marechal Floriano- ES a 750 metros de altitude em uma lavoura de café Catuaí Vermelho IAC – 44 (*Coffea arabica* L.), com 12 anos de idade, espaçamento 1,5 x 0,7 m. Esta foi recepada em 2008 e conduzida no sistema de fileiras duplas, onde eliminou-se um terço das linhas e a população foi reduzida para 6.350 plantas/ha; deixando-se duas hastes/plantas, ou seja, 12.700 hastes/hectare, sendo que onde se eliminou uma linha foi feito terraceamento no sistema de terraços em fileiras duplas de café. Utilizou-se o delineamento experimental em blocos ao acaso, com cinco tratamentos, quatro repetições de duas linhas com 20 plantas/linha. Avaliou-se como tratamentos as seguintes modalidades de poda: T1- Testemunha (livre crescimento); T2- Testemunha com apenas limpeza de saia (até a altura de 1,20 m); T3- Recopa convencional; T4- Decote (altura de 1,5 m); e T5- Decote + esqueletamento. As podas (**Tabela 1**) foram realizadas em outubro de 2014 logo após a safra, com o auxílio de moto-serra. Os tratamentos culturais da lavoura foram duas adubações distribuídas nos meses de novembro e março. Três aplicações foliares com micronutrientes (B, Cu, Mn e Zn) outubro, dezembro e março, sendo que na última aplicação foliar via canhão atomizador foi adicionado o fungicida Opera (Piraclostrobina + Epoxiconazol) na dose de 1,5 Lt/Ha. Foram realizadas duas capinas químicas com herbicida glyphosate e uma capina manual/ano. Para a avaliação da produtividade colheu-se cinco plantas de cada repetição para cada tratamento, cuja produção foi medida e pesada. Amostras de 1,0 kg de café/parcela foram secos até o teor de umidade de 12%. Após foi calculado o rendimento de litros cereja/saca beneficiada e transformados em sacas beneficiadas/hectare (Sc/ha). A percentagem (%) de infecção de ferrugem foi avaliada em 10 plantas/repetição, 4 ramos por planta, sendo 02 ramos do lado de cima e 02 ramos do lado de baixo com 02 folhas por ramo do 3º e 4º par de folhas. A avaliação do vigor vegetativo foi realizada no campo através de notas de 5 a 10. Para a análise estatística da produtividade, da ferrugem e do vigor vegetativo foi realizada a ANOVA e o teste de Tukey ao nível de 5% de significância com o auxílio do programa SISVAR (Ferreira, 2011).

Resultados e conclusões

Os resultados obtidos para a produtividade (scs/ha) das 3 safras e sua média (2015 - 2017); % de infecção da ferrugem e do vigor vegetativo para a safra de 2017 são apresentados na tabela 1 e mostraram diferenças significativas, pelo teste de Tukey ao nível de 5%..

Tabela 1. Produtividade média (Sc/ha) das safras de 2015, 2016 e 2017, média das 03 safras, infecção de ferrugem (%) e vigor vegetativo na safra de 2017 em café arábica Catuaí V. IAC-44, Santa Maria de Marechal Floriano-ES.

Tratamentos	Produtividade média scs/Ha)				% Ferrugem	Vigor Veg.
	2015	2016	2017	Média 3 anos	2017	2017
T1- Testemunha	28,4 a	59,7 a	56,0 a	48,0 a	57,0 a	6,8 b
T2- Testemunha c/limpeza saia	27,1 a	72,8 a	7,4 b	35,8 bc	52,5 a	6,3 b
T3- Recepa	0,0 b	26,3 b	63,0 a	29,8 c	47,3 a	8,9 a
T4- Decote	0,0 b	68,3 a	62,6 a	43,8 a	52,8 a	8,8 a
T5- Decote + Esqueletamento	0,0 b	68,9 a	59,5 a	42,8 ab	46,3 a	8,5 a
C.V.(%)	17,67	10,5	9,39	8,22	11,46	3,96

Letras diferentes nas colunas indicam diferença estatística significativa pelo teste de Tukey ($p \leq 0,05$).

Os dados na tabela 1 mostram que para a produtividade de 2017, o tratamento T2- testemunha com limpeza de saia foi o que apresentou menor produtividade e se diferenciou de forma significativa dos demais tratamentos. Quando avaliamos a média de produtividade de 03 safras; observamos que os tratamentos T1- Testemunha (livre crescimento); T4- Decote e T5- Decote + esqueletamento não se diferenciaram significativamente. O tratamento T2- Testemunha com limpeza de saia obteve resultados também semelhantes ao tratamento T5- Decote + esqueletamento. O tratamento T3- Recepa, até essa terceira safra ainda é o tratamento que está com a menor média, 29,8 Sacas/Ha, apesar de na safra de 2017 ter obtido a maior produtividade. Ou seja, isso mostra que a poda drástica do tipo recepa demora para recuperar a média de produtividade comparada com outras opções de podas do tipo decote (T4) e decote+esqueletamento (T5), que tem uma intervenção média na parte vegetativa das plantas e mantêm uma média de produtividades superiores a 40,0 Sc/Ha; o que é desejável para a sustentabilidade econômica da atividade, principalmente do agricultor familiar em Regiões de Montanhas. Apesar da maior média de produtividade ser da testemunha de livre crescimento (T1), sabe-se que a intervenção com algum tipo de poda é fundamental, já que o porte elevado da cultura dificulta muito a colheita (manual ou com derriçadeira costal) e os tratos culturais, prejudicando o rendimento operacional que representa elevação no custo de manejo da lavoura.

Para a infecção da ferrugem, se observa pela tabela 1, que não houve diferença significativa entre os tratamentos os para esta safra. Para o vigor vegetativo, as menores notas, foram para as plantas dos tratamentos da testemunha com limpeza de saia (T2) e da testemunha de livre crescimento (T1). Plantas da poda tipo recepa-T3, decote – T4 e decote + esqueletamento – T5 estão mais vigorosas que todos os demais tratamentos e prometem uma safra maior para 2018.

É importante destacar que, embora a poda de recepa seja a que mais interfere negativamente nas produtividades iniciais da lavoura, em Mal Floriano é o tipo mais usado, com cerca de 23% dos cafezais do município com esse tipo . A justificativa pra isso é a que os produtores adotam o plantio da banana-da-terra, entre as linhas do café recepado, como renda adicional. As bananeiras também ajudam na proteção das plantas dos ventos frios e úmidos associados à incidência da doença mancha de phoma , ajudando na formação das lavouras pós-recepa. Assim, a boa adaptação que a banana tem na entre-linha ainda justifica o uso da poda tipo recepa.

Conclui-se que: i) tipos de poda com maior eliminação da parte vegetativa das plantas interferem negativamente na produtividade inicial da lavoura; ii) a poda do tipo recepa é drástica e deve ser evitada pelo cafeicultor; iii) podas do tipo decote e decote + esqueletamento, menos drásticas, devem ser adotadas como alternativa para diminuir a altura das plantas e fazer a renovação das lavouras que ainda não perderam totalmente a saia.